REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 409

1 DE MAIO DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel, Caetano Alberto da Silva.

SERPA PINTO

(Segundo photographia de Camacho)

VICTOR CORDON

(Segundo photographia de Goes)

CHRONICA OCCIDENTAL

Gastámos toda a nossa ultima chronica com o mysterioso crime do Porto, e não seguiremos hoje o mesmo caminho porque ha outros assumptos a tratar e porque esse tal crime ainda continua muito embrulhado em mysterios, um verdadeiro romance de enredo complicado, feito com muita arte, com muita habilidade, e que precisamente quando o leitor julga estar proximo do desfecho e ter na mão o segredo de todos os *trucs*, se complica mais do que nunca e o deixa positivamente ás aranhas.

Demais a mais com este crime dada a profissão do indigitado criminoso, o caso complica-se espantosamente, porque a phantasia popular, sempre prompta a acrescentar um ponto ao conto, a bordar lendas imaginosas em torno de todos os acontecimentos envoltos em mysterio, encontra pasto abundante para todas essas lendas mesmo as mais phantasticas e inverosimeis.

Inverosimil e quasi phantastico é o crime, e sendo o criminoso um medico como evitar que o espirito popular explore á sua vontade o conhecido proverbio de que «cesteiro que faz um cesto faz um cento» como demonstrar ou mesmo como contestar com convicção, que esse medico envenenador que matou um cunhado e um sobrinho, e tentou matar mais dois sobrinhos para haver uma herança, não matou muita mais gente; como demonstrar ou contestar com convicção, que os outros herdeiros já fallecidos não foram victimas do mesmo plano realisado então com mais habilidade ou com mais protecção do acaso!

Dadas as duas lugubres tragedias do Porto e dado o sinistro personagem que figura como auctor d'essas tragedias, são admissiveis todas as hypotheses por mais inverosimeis e monstruosas, porque monstruosas e inverosimeis são tambem os crimes que hoje parecem provados, tão provados que por elles a justiça do Porto pronunciou já, sem fiança, o dr. Urbino de Freitas?

Este personagem de envenenador, esse medico distincto, physiologista notavel, conhecedor do segredo de todos os venenos, tendo todos ao seu alcance, possuindo todos que quizesse no seu laboratorio, sem que ninguem podesse suspeitar d'elle, e podendo d'elles dispor á seu bel prazer com a sua auctoridade reconhecida de medico e de medico illustre, é um personagem precioso para heroe d'um romance negro e podem lançar-se sobre elle todos os crimes, mesmo os mais terriveis e assombrosos, sem que ninguem tenha o direito de gritar contra a inverosimilhança.

Ora comprehende se bem que, apanhando um personagem d'esta ordem ao seu dispor, a imaginação popular o aproveite muito bem aproveitado e não haja crime que lhe não impute, e assim tem acontecido. Todos os dias se aponta uma cousa nova, um cadaver que deitava mau cheiro n'um jazigo e que o dr. Urbino pediu auctorisação á camara para exhumar afim de lhe dar um banho desinfectante; uma doente que ha annos morreu depois do dr. Urbino lhe applicar umas injecções; todos os parentes d'elle que tem morrido tendo-lhe elle mais ou menos assistido aos ultimos momentos; enfermos a quem elle prolongava as doenças para receber maior numero de visitas; outros que lhe morreram nas mãos por falta de curativo apropriado... eu sei lá, uma collecção interminavel de crimes gravissimos, de accusações terriveis levantadas pelo boato, crimes e accusações impossiveis hoje de provar, e que no fim de contas é inteiramente indifferente, porque provados qualquer dos dois crimes por que o dr. Urbino está pronunciado, a pena que a elles corresponde é a maxima, e que, como tal, não tem nem pode ter aggravação.

Aqui ha tempos passando nós na ponte Maria Pia, sobre o Douro, ouvimos a um passageiro nosso companheiro de viagem uma reflexão muito sensata a respeito dos perigos dos altos viaductos.

— Tenho tanto medo de passar n'uma ponte d'esta altura enorme como n'uma ponte dez vezes mais baixa. Ha uma altura d'onde cahindo o comboyo, a morte é certa, inevitavel. D'ahi para cima a altura da ponte é-me inteiramente indifferente.

E' o caso do crime do dr. Urbino Provado um, elle é tão grave, que provem-se ou não se provem o outro ou os outros, é a mesma coisa.

Ao mesmo tempo que a lenda se compraz em descobrir todos os dias novos, crimes suppostos, e novas versões para os crimes em questão, começam na imprensa do Porto e de Lisboa a formar-se partidos pela policia de lá e pela policia de cá, exactamente como se, em vez de se tratar de duas auctoridades policiaes se tratasse de duas cantoras, da Pasqua e da De-Reské por exemplo.

Cada qual canta os louvores de sua diva, tratando de desfazer no trabalho da diva rival, e esta questão pode não deixar de ser divertida, mas é com certeza prejudicial para o prestigio da policia e pode mesmo ser prejudicial para o bom serviço n'este crime ainda ou mesmo n'outro qualquer que venha a dar-se, e em que as duas policias tenham que trabalhar juntas, como a Pasqua e a De-Reské trabalharam no *Lohengrin*.

E agora que fallámos casualmente em divas aproveitamos a palavra para passarmos a assumpto mui diverso e, deixando o crime do Porto, fallaremos de coisa muito mais alegre, a festa da Cinira Polonio, a *diva* da Trindade.

Do nosso tempo nunca nenhuma actriz em theatros de Lisboa teve festa tão apparatosas, tão luxuosas como a Cinira Polonio tem tido ha duas epocas no theatro da Trindade.

D'ambas as vezes o theatro tem sido coberto de flores de alto a baixo e assumido um aspecto excepcionalmente festivo.

Este anno além da ornamentação de todos os camarotes com flores, grinaldas de hera constelladas de camelias, bouquets lindissimos tendo pendentes uns graciosos programmas do espectaculo, illustrados elegantemente por Julião Machado e impressos a côres, toda a grade do balcão estava coberta com riquissimas colchas antigas que faziam um bello effeito.

A enchente n'esse beneficio foi extraordinaria e chegaram a vender-se cadeiras á porta a libra, e por um camarote vimos nós offerecer vinte mil réis.

E não se pode attribuir essa concorrencia, essa curiosidade do publico, senão á festa da beneficiada porquanto o espectaculo não era d'uma novidade que fizesse correr Lisboa em pezo.

Esse espectaculo constava da *reprise* da *Filha da Sr.ª Angot*, uma opereta que teve em Lisboa o mesmo enorme successo que tem tido por toda a parte, mas que vista e revista, não justificava só por si essa grande curiosidade do publico. O actual desempenho da *Sr.ª Angot* é muito inferior ao que ella teve primitivamente, distinguindo-se apenas alem da beneficiada a sr.ª Florinda, que representou o papel de Clarinha com notavel desenvoltura, e o sr. Ribeiro que fez muito rasoavelmente o papel de Trenitz, que em tempo foi creado magistralmente na Trindade pelo hoje illustre actor Augusto Rosa.

A beneficiada a sr.ª Cinira Polonio deu-nos uma Lange encantadora e cantou deliciosamente toda a opera.

E' uma artista distinctissima que além de muito intelligente e illustrada, é muito gentil e tem todo o ar d'uma boa *chanteuse* parisiense.

Cinira Polonio sabe musica a valer, tanta musica que até é compositora e na noite da sua festa deu ao publico o prazer de ouvir uma composição sua, um hymno, que foi executado pela banda de marinheiros e muito applaudido.

Notamos na sr.ª Polonio um enorme progresso na pronuncia portugueza.

Brazileira educada em Paris e fallando muito mais o francez que o portuguez, a gentil actriz tinha no anno passado uma pronuncia muito estrangeirada que prejudicava sensivelmente a sua dicção.

Esse defeito corrigio-o ella muito rapidamente e hoje pronuncia muito bem o portuguez, conservando apenas uma ligeira accentuação franceza qne não é nada desagradavel.

Nas canções francezas porém, foi que Cinira Polonio teve o seu grande successo.

Cantou-as como uma verdadeira parisiense, e é exactamente esse bello talento que a faz querida em Paris e que faz com que os emprezarios parisienses lhe offereçam escripturas para os seus theatros.

Mademoiselle de Comercy, cantada por Cinira Polonio é uma verdadeira obra prima no genero e vale-lhe todas as noites que ella a canta na Trindade ruidosas e justissimas ovações.

No theatro do Gymnasio houve tambem dentro d'estes dez dias dois beneficios d'artistas distinctos, dos primeiros d'aquelle theatro e dos mais queridos do publico: Silva Pereira e Barbara.

Silva Pereira não fez beneficio com peça nova para não cortar as representações do *Commissario de Policia*, e na sua noite de festa representou-se esta comedia em que elle tem um papel importantissimo, que desempenha magistralmente e em que tem todas as noites enthusiasticos applausos.

O distincto actor que é tão estimado em Portugal e no Brazil, quer como actor quer como homem, tanto pelo seu bello talento como pelas suas altas qualidades pessoaes, teve uma festa muito brilhante.

E muito brilhante foi tambem a festa de Barbara que é não só uma das actrizes mais distinctas do Gymnasio, mas tambem um dos talentos mais completos e notaveis do nosso theatro.

Barbara resuscitou para a noite do seu beneficio uma comedia em que ella tem uma das suas melhores corôas; *Os Casamentos Ricos*.

Taborda, o grande actor foi por obsequio a Barbara fazer o papel que criára n'esta peça, e constitue um verdadeiro encanto artistico o desempenho magistral que o eminente actor dá a esse papel.

O publico saudou-o com enthusiasmo, enthusiasmo justificadissimo porque Taborda no 2.º acto tem uma scena em que attinge a mais completa perfeição da arte moderna de representar, que é a ultima palavra da simplicidade e naturalidade em theatro, e que se pode pôr a par das scenas mais notaveis dos grandes artistas estrangeiros.

Terminei a minha ultima chronica pela noticia da morte d'um portuguez illustre, o distincto poeta e jornalista Antonio Pereira da Cunha e hoje tenho tambem para fechar, a noticia da morte prematura d'outro poéta, que não occupou muito logar no mundo, mas que deixa espalhados por varios jornaes um punhado de poesias esplendidas, reveladoras d'um brilhante espirito e d'uma notavel inspiração — a morte de Costa Alegre.

Costa Alegre era um rapaz preto que estava em Portugal fazendo os seus estudos para medico e se dedicava por uma vocação irresistivel ao cultivo das musas.

Conheci-o na redacção do *Correio da Manhã*, onde o encontrei e estive conversando com elle tres ou quatro vezes que elle ali foi ver provas de poesias suas, que publicava no supplemento litterario das segundas feiras.

Costa Alegre era um rapaz extremamente sympathico e que tendo talento á farta era d'uma modestia encantadora, completamente despido de toda a *pose*.

Nas poesias que elle publicou n'esse jornal e em outros, ha por vezes verdadeiros lampejos de genio.

Costa Alegre era pobre e doente. Foi a tisica que o matou, e os seus condiscipulos e toda a Academia de Lisboa fez-lhe um enterro imponentissimo, que tanto honra o chorado morto pelas sympathias que soube grangear na sua curta vida, como a Academia que assim sabe estimar os seus confrades e dar-lhes provas eloquentes da sua estima e da sua saudade.

Que durma em paz o pobre poeta que tão cedo foi roubado ás lettras que elle tanto amava!

Gervasio Lobato

SERPA PINTO E VICTOR CORDON

A CHEGADA A LISBOA

Desde o dia 11 de janeiro, dia do peremptorio *ultimatum* do governo inglez, que indignou todo o paiz, principiou a manifestar-se um forte desejo de ver voltar á patria o intrepido africanista Serpa Pinto e os seus companheiros, não só para lhes testemunhar, mais uma vez, todo o apreço em que os seus compatriotas tinham os serviços por elles prestados, mas ainda para lhes ouvir da propria bocca a narração verdadeira dos factos que tanto irritaram a Inglaterra, e que as diversas versões dos telegrammas e da imprensa ingleza envolviam em contradições ou exaggeravam a seu bel prazer.

Correram depois varios boatos sobre o regresso de Serpa Pinto.

Uns davam o illustre explorador moribundo; outros diziam que por ordem superior era detido em Africa e que não voltaria tão cedo a Portugal; chegou a propalar-se que Serpa Pinto pedira a sua demissão e partira para os Estados Unidos; emfim tantas phantasias que a impaciencia popular fabricava e que a politica acompanhava conforme melhor lhe convinha para os seus fins.

Chegou finalmente o dia em que todas as phantasias se desfizeram, e em que Lisboa poude receber de novo em seu seio o valoroso explorador portuguez Serpa Pinto e o seu digno companhei-

ro Victor Cordon, que ambos chegaram ao Tejo no dia 20 de abril; a bordo do vapor *Loanda* procedente de Africa.

Pelas 11 horas da manhã d'aquelle dia, recebeu-se na Sociedade de Geographia um telegramma annunciando que o *Loanda* demandava a barra de Lisboa. Esta noticia espalhou-se rapidamente e pouco depois a familia de Serpa Pinto, a direcção e socios da Sociedade de Geographia e os representantes da imprensa, embarcavam no vapor *Victoria*, que atracava á ponte do Caes do Sodré, e que se dirigiu ao encontro do *Loanda*.

Ao mesmo tempo largavam o *Caçador*, um escaler a vapor e tres a remos, tripulados por aspirantes de marinha, outros pequenos vapores do Arsenal e da Alfandega, e botes e faluas conduzindo pessoas que expontaneamente se associaram a esta manifestação aos benemeritos africanistas.

O *Victoria* seguindo adiante das outras embarcações foi o primeiro a avistar o *Loanda* que vinha entrando a barra, embandeirado em arco e navegando a todo o vapor.

Em breve o *Victoria* cruzou na alheta de estibordo do *Loanda* e os outros barcos que iam ao encontro comboiaram este vapor seguindo todos á distancia conveniente.

Os vivas a Serpa Pinto, a Cordon e á patria cruzavam-se com frenetico enthusiasmo, e a esposa e filha de Serpa Pinto, subindo acima de bancos na ponte do *Victoria*, procuravam distinguir entre os passageiros do *Loanda* apinhados na tolda, o esposo e o pae, acenando-lhe com os lenços mal enxutos das lagrimas da alegria.

A distancia, porém, em que os dois vapores se conservavam na sua marcha, não premettia reconhecer as pessoas de um para o outro navio, e apenas se distinguiam os vultos.

E' esta situação de que o sr. Luciano Freire fez um *croquis* e que se acha reproduzido no desenho n.º 1 da pag. 100.

O *Loanda* chegou á boia ás 2 horas, e logo atracou a elle o *Victoria*, saltando á escada do portaló o sr. Francisco dos Santos, membro da Sociedade de Geographia, que deu a mão á esposa e filha de Serpa Pinto para saltarem para o *Loanda*, seguindo-se as mais pessoas que vinham a bordo do *Victoria*.

Foi commevedora a scena que ali se passou. As mais sinceras felicitações foram dirigidas aos benemeritos africanistas pelos amigos e admiradores que os rodeavam, e o sr. Francisco Maria Pereira da Cunha, presidente da Sociedade de Geographia, fez uma breve alocução, em nome da mesma sociedade, exprimindo-lhe a parte que tomava no desgosto porque haviam passado os valorosos exploradores ao verem a patria tão rudemente affrontada pela Inglaterra, desgosto que n'aquelle momento se devia pôr de parte, para só dar expansão á justa alegria de vêr regressar á patria tão benemeritos filhos.

Serpa Pinto e Cordon agradeciam commovidos e abraçavam com effusão os amigos que se lhes aproximavam. Ao mesmo tempo os vivas enthusiasticos repetiam-se com delirio na mais franca expontaneidade.

O sr. Raul Furtado saudou em especial os exploradores, em nome da corporação dos aspirantes de marinha.

Feitas estas primeiras manifestações, o major Serpa Pinto, sua familia, Victor Cordon e o sr. Cunha, embarcaram no escaler a vapor dos aspirantes de marinha, para os conduzir ao Arsenal. Seguindo este escaler vieram outros conduzindo aspirantes de marinha. Um vapor do Arsenal conduziu para terra a direcção e membros da Sociedade de Geographia assim como alguns representantes da imprensa, e o *Victoria*, o *Caçador* e os mais barcos que foram ao encontro dos exploradores, acompanharam os primeiros até defronte do Arsenal onde se fez o desembarque.

No caes da superintendencia do Arsenal aguardavam a chegada dos exploradores, muitos officiaes de marinha e outros funccionarios, achando-se ali o ministro da marinha sr. conselheiro Julio de Vilhena

N'esta occasião a margem norte do Tejo, nas proximidades do Arsenal, estava completamente cheia de povo, que correra pressuroso, a ver a chegada de Serpa Pinto e Cordon. Na praça do Municipio e suas immediações egualmente se agrupava grande multidão.

O sr. ministro da marinha offereceu o seu trem aos exploradores, e o trem seguiu por entre a multidão, que victoriava com estrepitosas salvas de palmas e enthusiasticos vivas a Serpa Pinto e Cordon.

SERPA PINTO

O corajoso explorador recolheu a sua casa, na rua Castilho. Vem extremamente magro e muito doente, animado apenas pela sua grande força nervosa e pelo seu espirito vivo e audaz que o faz esquecer, por ventura, os estragos que lhe vão pelo physico.

O OCCIDENTE tem-se occupado por tantas vezes do illustre explorador, seguindo todos os seus feitos desde a sua viagem de 1878, que é ocioso agora vir dizer o que todos sabem.

Procuraremos n'este momento referir resumidamente o que o illustre explorador communicou a respeito d'esta sua ultima viagem, e com isto parece-nos que satisfazemos aos nossos leitores.

Foi em março do anno passado que Serpa Pinto partiu de Lisboa com destino á Africa Oriental, para soccorrer a expedição encarregada de fazer os estudos de um caminho de ferro entre o alto e baixo Chire, dirigida por Antonio Maria Cardozo, a qual correra aqui noticia de que se achava em perigo.

Quando Serpa Pinto ali chegou tudo parecia correr bem, mas percebeu que os makololos tramavam contra a expedição, instigados pelas intrigas dos inglezes que por lá andavam.

Procurando saber se as suas desconfianças tinham fundamento, conferenciou com os grandes dos makololos incluindo o Melaure, e todos se declararam nas melhores desposições a respeito dos portuguezes e que não queriam o proteturado que os inglezes lhe offereciam.

Apezar d'estas declarações e protestos de fidelidade a Portugal, os factos demonstravam o contrario, porque os makololos principiavam a provocar guerra n'um ou n'outro ponto, influenciados pelos inglezes, que lhes diziam que os portuguezes o que queriam era expulsal-os d'aquelles territorios, e que o caminho de ferro era um pertesto para irem devassando o paiz e preparar o melhor modo de pôr em pratica os seus planos.

Os inglezes diziam aos pretos que Serpa Pinto era um feiticeiro, que vinha ali fazer-lhes a guerra contra vontade do rei de Portugal, e por isso elles o deviam guerrear tambem para se verem livres d'elle e socegados no seu paiz, e que o melhor meio de lhe fazer a guerra era elles levarem bandeiras inglezas, porque Serpa Pinto as respeitaria e não faria fogo.

Julgavam que eu me deixaria matar sem resistir, observa Serpa Pinto.

Tudo isto poude saber Serpa Pinto a tempo de se preparar para o ataque dos makololos, graças á sua sagacidade e á presteza e inergia com que procurou reunir gente e armamento por onde poude, indo para esse fim a Quelimane e Moçambique

Conta que conseguiu arranjar uns seis mil homens armados de toda a maneira, com armamento antigo e moderno, em bom e mau estado, mas era mister aproveitar tudo porque não havia outro.

Com estas forças Serpa Pinto apenas tinha em vista defender Mupassa para onde convergiam as forças dos makololos calculadas n'uns doze mil homens, operando varias correrias.

Foi a 8 de novembro do anno passado que os makololos assaltaram com as suas forças Serpa Pinto e os seus soldados em Mupassa.

O intrepido explorador apenas tinha n'aquella occasião a seu lado novecentos homens e mais tresentos que se achavam ainda em distancia, que era a força organisada pelo preto Periperi que combatera com Serpa Pinto na guerra contra o Bonga.

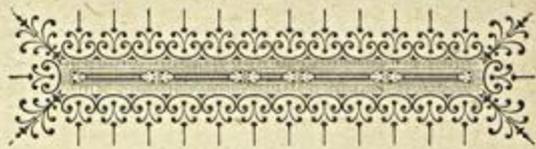
Serpa Pinto mandara collocar sentinellas avançadas para darem o alarme mal se avistasse o inimigo, e dera instrucções á sua gente que só sustentasse a defensiva.

Aproximaram-se os makololos, que vinham commandados por um filho e um genro do Melaure, e romperam fogo que lhes foi correspondido com valentia fazendo-lhes logo grande damno.

Conheceu-se então que as aspingardas dos makololos tinham grande alcance e Serpa Pinto apanhando uma bala do inimigo, que lhe cahira ao pé, viu que era Martini.

Evidentemente os inglezes tinham fornecido armas aos makalolos.

Depois de umas quatro horas de fogo os makololos achavam-se cercados pelos nossos e corridos pelo matto dentro, onde se poude ver as grandes perdas que elles tinham soffrido e onde, juntos com outros, foi encontrado morto o genro de Melaure.

(Continua.) *A. S.*

AS NOSSAS GRAVURAS

OS ESTUDANTES PORTUGUEZES EM MADRID

E' sabido de todos o quanto a classe academica se tem interessado no movimento patriotico operado no paiz, em virtude da affronta da Inglaterra.

E' natural esse interesse n'aquelles espiritos novos, onde se animam as mais generosas idéas da mocidade.

Já em Lisboa os estudantes acompanhados por individuos de outras classes, tinham feito uma manifestação de sympathia á Hespanha, indo deixar os seus cartões na legação hespanhola, em agradecimento a egual manifestação que houvera em Madrid.

Ultimamente um grupo de estudantes de Lisboa, Porto e Coimbra foram a Madrid saudar pessoalmente os estudantes hespanhoes, realisando-se então as maiores manifestações de sympathia de parte a parte, que os telegrammas communicaram para os jornaes.

Foi no dia 10 de abril que os estudantes portuguezes chegaram a Madrid no comboyo do correio, sendo esperados na estação do Norte pelos seus confrades madrilenos, com grande enthusiásmo de todos, dando-se vivas a Hespanha e a Portugal, e organisando-se logo um imponente prestito em que figuravam a bandeira hespanhola e a portugueza, e os estandartes da escola de Medecina de Lisboa e da sociedade musical a que pertence a estudantina portugueza, dirigindo-se para a Universidade Central de Madrid.

Ali os estudantes portuguezes deram vivas á Universidade e passando em continencia debaixo das suas janellas, seguiram para a rua do Arenal, onde se hospedaram no holel do Oriente, sendo acompanhados pelos estudantes hespanhoes, que ali repetiram vivas aos estudantes portuguezes.

Os dias de permanencia dos estudantes portuguezes em Madrid, foram todos empregados em escursões pela cidade, serenatas, visitas ás principaes escolas e museus, a edificios notaveis, aos theatros, e em banquetes.

Por toda a parte foram acolhidos com as maiores provas de affecto e alvo de jubilosas manifestações.

Em a noite de 12 houve um explendido concerto no theatro do *Principe Affonso* offerecido pela estudantina portugueza aos estudantes hespanhoes.

Foram executadas, em grande parte, musicas portuguezas, em que o fado tambem teve o seu logar e foi das mais applaudidas.

Houve tambem uma reunião no theatro *Martin* para se formularem as bases d'uma federação iberica escolar.

Toda a imprensa hespanhola se referiu com louvores a esta visita, que estreitava mais os laços de amisade entre os dois paizes peninsulares.

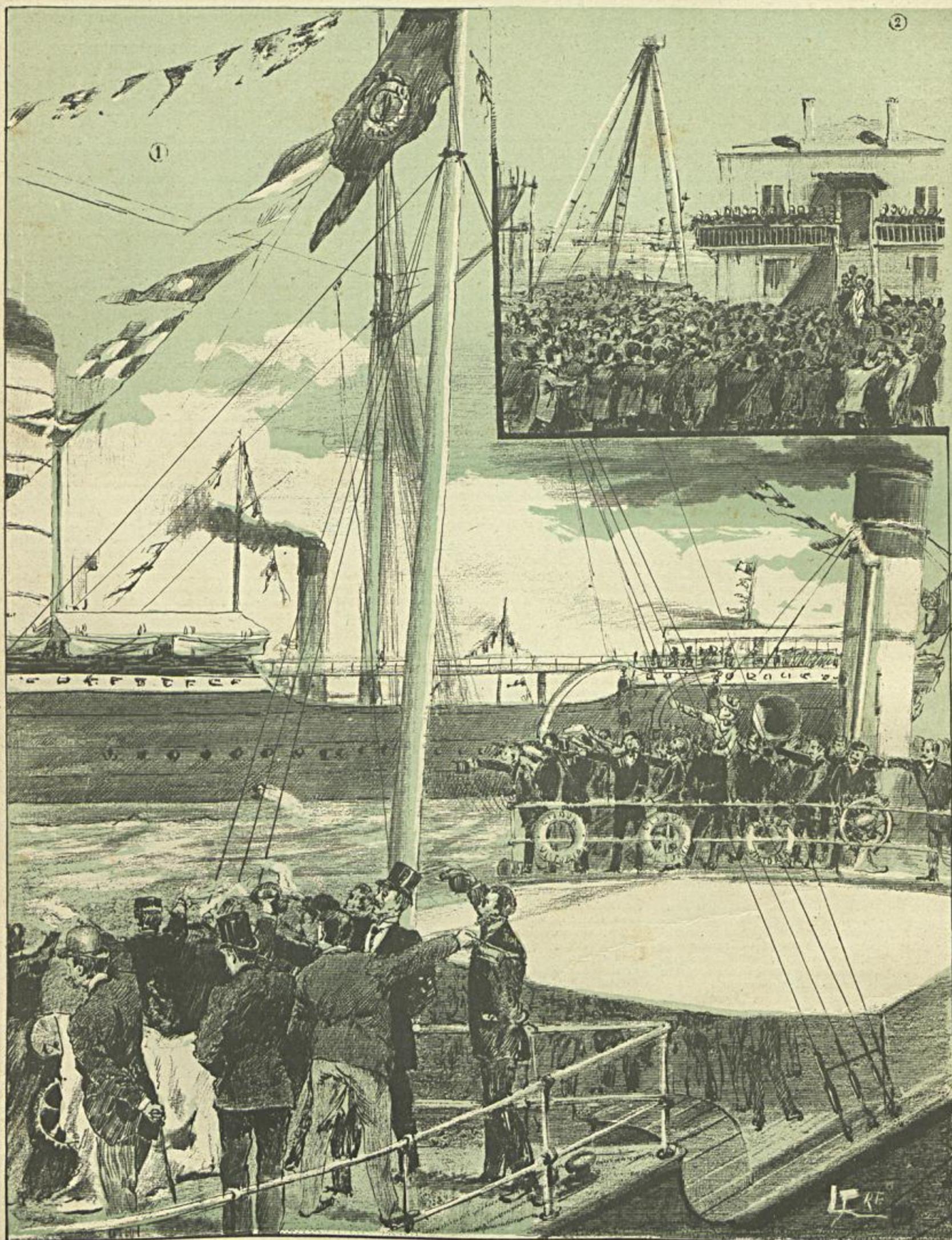
Nós registando no OCCIDENTE com a gravura e com a pena este acontecimento, cumprimos a nossa missão de irmos archivando n'estas paginas tudo que possa ter importancia para a nossa historia.

COSTA ALEGRE

Deixou em quantos o conheceram uma saudade que se não extingue, tão affavel era o seu trato como delicados os seus sentimentos. Deixou na poesia trabalhos impereciveis, tão bella era a sua inspiração como admiravel a forma. Reduz-se a estas poucas linhas a sua biographia. E que mais se pode dizer d'um desditoso rapaz fechado aos 23 annos no acanhado espaço d'um tumulo?

Foi bom, foi estudioso, foi intelligente, foi poeta. A sua bondade revelava-se em tudo, mas no amor filial difficilmente se excederia. Um exemplo prova-o. Costa Alegre viera de S. Thomé criança ainda, tinha dez annos, frequentou com toda a distincção as aulas da Escola Academica, n'um dos annos do curso, em que mais louvores alcançou, o director mandou photographal-o, o moço estudante enviou immediatamente um retrato para o pae, a morte porém caminhou mais depressa que a remessa e quando esta chegou o pae de Costa Alegre já não éxistia.

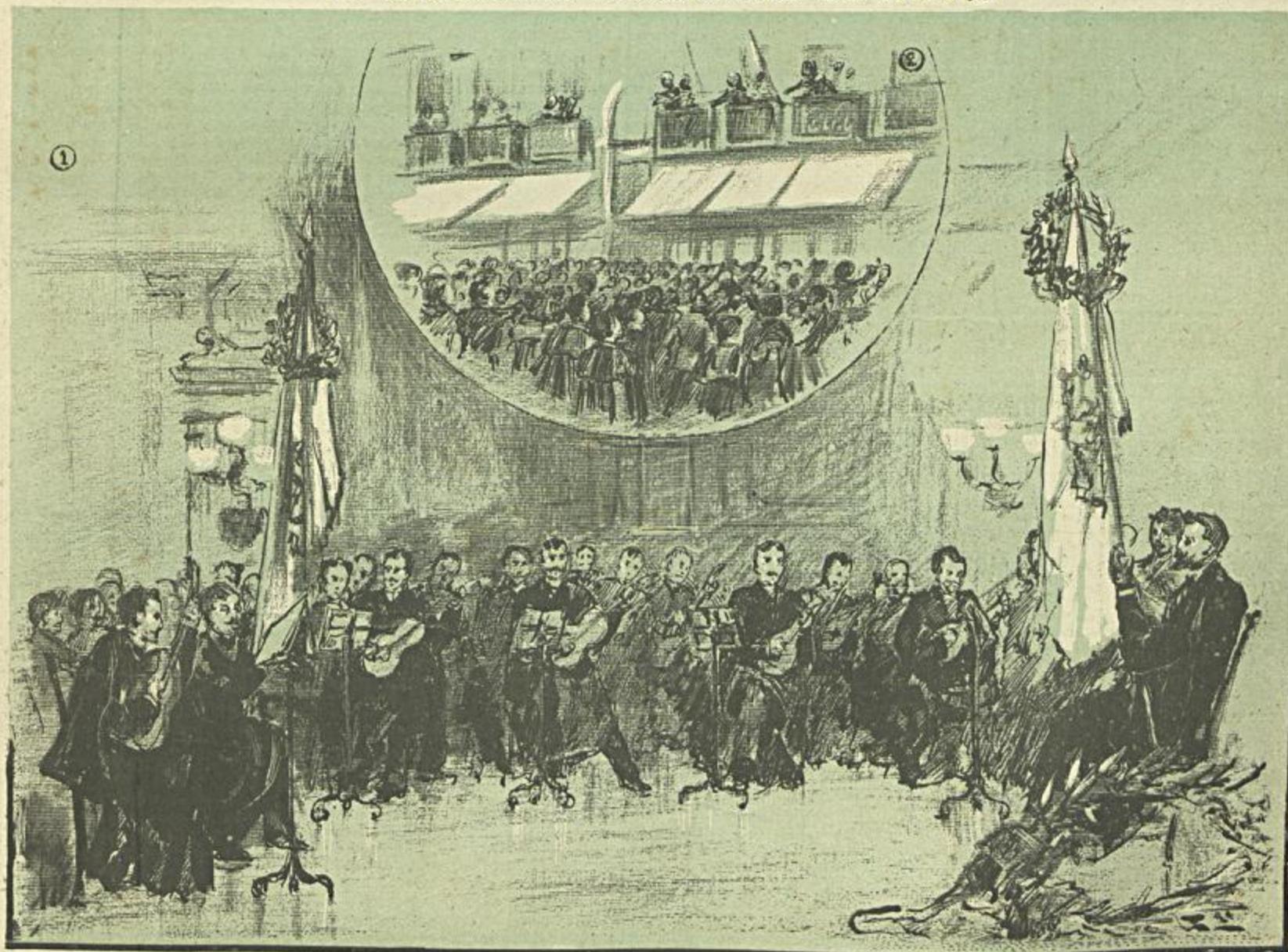
O facto do pae não ter recebido o retrato, e a

Chegada a Lisboa de Serpa Pinto e Victor Cordon

1 A bordo do vapor «Victoria» — 2 Na superintendencia do Arsenal.

(Desenhos de L. Freire)

Chegada a Lisboa de Serpa Pinto e Victor Cordon

A sahida do Arsenal, manifestação na Praça do Municipio.

OS ESTUDANTES PORTUGUEZES EM MADRID

1 O concerto dado pela estudantina portugueza no theatro do «Principe Affonso» — 2 Os estudantes hespanhoes saudando os estudantes portuguezes hospedados no Hotel do Oriente.

(Desenhos de L. Freire)

morte subita, que o ferira, tal impressão fizeram no espirito do supersticioso e amoravel africano, que pelo espaço d'um anno permaneceu n'uma apathia funda, n'uma tristeza inconsolavel, sem mesmo se importar com o estudo.

Já n'esta escola de preparatorios elle começou a revelar o seu fino estro poetico e um amor doido pelas crianças e pelas flores, as primeiras corriam para elle a queixar-se d'aggravos e a receber defeza e consolações.

Em todo o seu curso, que ia já no terceiro anno da Escola Medica, deu provas d'um grande amor pelo trabalho e d'uma lucida intelligencia. Tinha distincções e louvores em muitas disciplinas.

O que porém distinguia mais Costa Alegre era o seu bello talento de poeta. Tinha expontaneidade e d'isso somos testemunha, porque na aula de chimica da Escola Polytechnica, que frequentamos juntos, o nosso logar era ao lado d'elle, n.os 18 e 19 e não raras vezes vimos Costa Alegre versejar sôbre o papel d'apontamentos da massuda sciencia, estrophes admiravelmente feitas, que lhe arrancavamos entre risos descuidosos. Ditosos tempos!

Amigos dedicados, que sempre o acompanharam nas difficuldades da sua vida, porque as teve, guardam a sua obra, que elle com a indifferença de todos os artistas espalhava por uns e por outros. Agora tenciona-se colligil-a e publical-a em livro; ficará para então um estudo demorado sobre ella, impossivel de fazer n'este momento, com a pressa com que são feitos estes apontamentos.

Nos primeiros tempos da vida litteraria do defunto poeta, as suas composições elevadas nas idéas e brilhantes na inspiração eram comtudo um pouco descuidadas na forma. Ultimamente porém merecia-lhe especial cuidado este ultimo requesito de belleza, e o verso sahia-lhe sonoro e melodioso, a estrophe bem cuidada e harmoniosa.

Uma grande dôr o affligia, a sua raça, não podia perdoar á natureza tel-o feito preto, embora preto gentil, que o era como ninguem; as suas formas desenvolvidas pela gymnastica tinham distincção e eram correctas, mas a côr! Oh! a côr despedaçava-lhe o peito n'um desgosto enorme, acabrunhava-o, era o seu pesadelo, porque elle, alma feita d'amôr, queria amar tambem, mas via sempre erguer-se, entre o seu amor e o eterno femenino o preconceito da raça, frio, impassivel, desanimador. Desespero enorme! Não haver differença nas almas e havel-a tão funda nos corpos, approximarem-se aquellas, e estes repellirem-se! Era para endoidecer um poeta.

Algumas das suas composições revelam bem isto, esta por exemplo:

AMISADE

— *Ex.ma Sr.a D. Cassilda Eirado Martins* —

(Dezembro 89)

Nascidos por um mundo separados,
Unimo-nos na estrada d'esta vida,
Como se unem arbustos affastados
Pela raiz sob o chão sumida.

Nossos corpos, Senhor, não se parecem
E nossas almas se parecem tanto
E os nossos corações como se houvessem
Vindo d'um só e mesmo ventre santo!

Nasce a ventura ás vezes da desgraça.
Narrei-lhe um dia o horror do soffrimento
Que a luz da vida me tornou escassa;

E em lagrimas, a boa creatura
Segredou-me este doce pensamento:
Chagas do amor só a amizade as cura.

E tinha desalentos que sabia exprimir tão bem! por exemplo:

«Cahindo persistente a gota d'agua
Abranda a pedra da mais rija trama
Só nunca abranda a lagrima de magua
O amado coração que não nos ama.»

E sabia amar, sabia ter paixão aquella alma d'açucena n'um cofre de azeviche, esta quadra revela-o bem.

«Repare, eu sou um nada em relação ao mundo,
No entanto, que mysterio insondavel, profundo!
Eu sinto agora o espaço immenso e largo, estreito
Para conter o amor que encerro no meu peito.

E para terminar mais uma estrophe.

CIUMENTA

Se crês que sou capaz de desligar os laços
D'esse tão doce amor que lento me consome,
Rasga-me o coração em mil e mil pedaços,
Que em todos os pedaços acharás teu nome.

Estas transcripções d'algumas poesias de Costa Alegre fallam melhor da sua vida e do seu genio que a humilde penna, do que foi seu amigo e respeita a sua memoria.

Hygino de Sousa.

A QUESTÃO SOCIAL

Problema social! clamam por todo o mundo
Tal o grito sinistro e fremente e profundo,
Que abala as multidões rugindo allucinadas,
Mais duras do que o aço altivo das espadas.
A vida é para uns o calice de um lyrio
Por onde poisa a abelha argentea do prazer;
Para outros reduz-se a simples martyrio,
Furioso caudal do mais atroz soffrer.
A'quelles a ventura, harmoniosa e doce,
Solta, cheia de amor, um canto de paixão,
Tão mansa e virginal como se acaso fosse
Um passaro a cantar em meio da solidão.
Reverso da medalha, escuridão completa,
Desespero e terror; aguda como a setta
A dôr rompendo vae os seios desditosos.
Choram por toda a parte os gritos clamorosos,
Ha suspiros e pranto e brados e lamentos,
Gehenas de terror, infernos de tormentos.
Rugem as maldições, sibillam os insultos,
E a pouco de vagar nos cerebros incultos,
Faz brotar a miseria os mil cardos do crime
Esse cancro do mal que os corações opprime,
Fazendo-os propulsar em ancias de rancor,
Como o mar a rugir e a soluçar de dôr,
Debaixo do sereno azul da immensidade.

A Dôr, a Viuvez, a Miseria, a Orphandade,
Dão entre si as mãos, ajudam-se á porfia,
Lançando pelo mundo os seus fructos damninhos,
Ao passo que ao romper da rosea luz do dia,
Continuam cantando as aves em seus ninhos.
Orphãos a soluçar por esse mundo além,
Sem carinhos de pae e sem beijos de mãe,
Creanças que nasceis sem luz e sem amor,
Quem foi que nos lançou n'esse abysmo de dôr?
Oh mulher infeliz, sem norte e sem destino;
Velho que vaes passando, exhausto peregrino,
Curvado pela dôr, prostrado de canceira,
Que vaes seguindo a custo a tetrica carreira
D'essa miseria atroz, que leva á sepultura,
Porque razão vos quiz a negra desventura,
E a vossa vida foi um rosario de prantos,
Ao passo que no ar voam milhares de cantos,
Ao passo que na terra as mil flores rescendem?

Os astros virginaes, que pelo ar esplendem,
Quando a noite desdobra o grande véu luctuoso,
São perolas do céo, rosicler precioso,
E quando acaso os vejo a scintillar ao longe,
Eu sinto na minh'alma a tristeza de um monge,
E pergunto inquieto áquelle resplendor
Se n'elle tambem vive o sarcasmo da dôr,
Se n'elle tambem nasce o pranto angustiado?

A Dôr, que subjuga o mundo hallucinado,
Qual despota cruel com baraço e grilhões
Vae ella estrangulando os rubros corações,
E vae-lhes arrancando a pouco e pouco a vida;
E ao morrer então, quanta illusão perdida
Vae ao longe a sumir-se exanime e saudosa,
Bem como no outomno a folha, silenciosa,
Estiolada e morta e carcomida pende,
E a andorinha fugaz, nos concavos do azul,
Em busca do fulgor das regiões do sul,
O espaço illuminado audacioso fende.

Humanidade, oh mar ingente do Universo,
Que rude tempestade eleva as tuas aguas,
Tantas imprecações, tanto clamor disperso,
Tanto choro sem fim e tão sentidas maguas!
Que cerebro propulsar de aspirações fogosas.
Te fazem agitar as aguas monstruosas?
Que batalhar febril de rispidas paixões
Abala sem cessar teus bravos vagalhões,
A rugir, a gemer, a retumbar, irosos,
Taes como n'uma jaula os tigres furiosos,
Taes como no deserto os rabidos leões?
Oceano colossal, feito de corações
Que rudes escarcéos quebram as tuas vagas,
Quaes são as tuas mil aspirações, que affagas,
Teu desejo inquieto ou teu sonhar febril?
Qual será o teu norte e qual o teu Abril?
Quanta dôr vive em ti? quanto prazer doirado
Acaso faz pulsar teu seio vehemente,
Quando por ti prepassa o sopro abençoado
Da paz, filha de Deus, da paz, doce e luzente?
É a Dôr que te agita, humanidade audaz,
Nos combates da guerra e nos labores da paz.
É ella que commove o teu enorme peito,
É ella que dissipa o teu sonhar desfeito,
É ella que soluça em torno ás tuas maguas,
Como em torno ao rochedo o torbilhão das aguas,
Como em volta do ninho a ave abandonada.

Mas que extranho clamor, que grita hallucinada,
Se eleva sem cessar do teu seio gigante?
Mil irritados sons de accento horripilante,
Traduzindo a miseria e traduzindo a fome,
A aspiração infinda e a magua que consome,
Brotam a retumbar, quaes duras ameaças
De hippantropos crueis armados de couraças,
A subir, a galgar, n'uma rebellião,
Formidavel, tenaz, cyclopica, vibrante,
Lançando com furor ao seio da amplidão
O protesto febril de um coração gigante!

De que profundo abysmo ou ignorado horror
Acaso vem brotando esse infernal clamor?
Que peito monstruoso expelle aquelle grito,
Que parece irromper dos labios de um precito?
E' a voz temerosa e soluçante e triste,
D'aquelles para quem nunca a ventura existe;
D'aquelles para quem o sol não tem clarões,
Nem flôres tem Abril, nem a mente illusões;
D'aquelles que a chorar clamam por todo o mundo,
Que tenham compaixão do seu penar profundo;
Esses, que ao despontar dos seus primeiros annos,
Logo sentem em si mil rudes desenganos,
Esses, que vão passando aos mil baldões a vida,
Sem um affecto bom, sem que uma voz querida
Lhes adoce o viver, angustiado e frio,
Como um raio de luz n'um carcere sombrio.
Esses que sempre e sempre anceiam a lidar
Nas mil occupações d'um rude batalhar,
Para alcançar um pão, para ganhar um leito
Misera enxerga nua, onde ao findar do dia,
Possa um pouco dormir o coração no peito
E se possa esquecer a miseria sombria.
E tristes, a chorar, sem luz e sem calor,
Esses parias da sorte, impetuosamente,
Sentem em si brotar um infernal horror,
E cheios d'uma raiva, estridula, demente,
Ante o desequilibrio enorme social
Vem-lhes ao coração a serpente do mal,
E rudes, a bramir, lançam por todo o mundo
Um brado de protesto altivo e gemebundo.
Surgem aqui e alli então as barricadas,
Trovejam os canhões e cruzam-se as espadas,
Corre por toda a parte o sangue fumegante,
E como o segador a morte, a morte errante,
Vae rapida ceifando as trémulas espigas,
E mil prantos e ais suffocam as cantigas.

Sómente o Christianismo, essa moral sublime,
Que enchuga todo o pranto e dá perdão ao crime;
Doutrina que brotou dos labios de Jesus,
Santa doutrina ideal, lyrio de eterna luz,
Estrella da manhã de vivido fulgor,
Que ás trévas presta luz e ao coração amor,
— Um balsamo suave e limpido e subtil,
Doce como o frescor de uma rosa de Abril;
Religião sublime, alva como o cecem,
Tão pura como a neve e bella como o Bem;
Elle que sustentou o mundo em paroxismos,
Por entre o espedaçar de rudes cataclysmos;
Elle que dá as leis á Moral e ao Direito,
Elle que faz pulsar o coração no peito,
N'essa dilatação de infinda caridade
Elle só poderá prestar á humanidade
O bem e a justiça, a paz e a ventura,
— Esplendor ideal de eterna formosura,
Que tinge de carmim as illusões da vida.
Elle só poderá á classe deprimida
Dizer que se engrandeça á força de trabalho
E fazer que lhe ceda o pão e o agasalho
Aquella que sorri em gosos opulentos.
E assim para o porvir, dispersos os lamentos,
Cessando a pouco e pouco os brados dos famintos,
D'essa religião que aureolou o mundo
Tornar-se-hão de novo os horisontes tintos,
E ver-se-ha surgir um clamor profundo
A bemdizer em coro a luz das consciencias
Que brotará então n'essa quadra ditosa,
A bafejar gentil todas as existencias,
Tão doce e virginal, tão bella e tão formosa,
Como uma pomba branca a voar pelo azul
Como a cruz a brilhar nas regiões do sul.

Porto, 1890.

Alfredo Alves.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XXI

Mas o Quim a dizer isso, a murmurar. «E' doido! E' doido!» olhando com uma expressão compassiva para os curiosos que faziam roda, e as tabuas de Logarithmos de Callet, que o Dominguinhos trazia debaixo do braço a fazerem-lhe uma rapida e inesperada visita á sua cabeça.

O chapéu alto feito n'um bolo, cahiu para um lado, o Quim afastou o corpo para traz procurando defender com o braço a tóla, d'aquella imprevista aggressão, os espectadores desataram a rir, o Dominguinhos seguindo os seus Logarithmos atirou-se com unhas e dentes ao seu insultador e a garotada irrompeu n'uma ruidosa algazarra de Kss! Kss! como se estivessem atiçando dois cães um para o outro.

Mas o Dominguinhos é que não precisava espicaçado pois se atirava ao irmão da Emilinhas como gato a bofe.

Muito novo ainda, com o sangue na guelra, estudante do Lyceu e habituado a jogar o sopapo a miudo com os seus condiscipulos, e além de tudo isso tendo um forte incentivo á sua valentia na cobardia tão demasiadamente provada do seu adversario, se não lh'o tirassem das mãos dava cabo d'elle com certeza.

Aquillo era sopapo, bofetão, pontapé e socco por uma pá velha.

O Quim logo ao primeiro embate foi fazer companhia ao seu chapéo alto, e estatelado no meio da rua não fazia senão rebolar-se pelas pedras, furtando tanto quanto possivel a sua cara ás mãos vingadoras do seu adversario, mal procurando defender-se da sova que elle vigorosamente lhe applicava, sem lhe passar sequer pela cabeça a idéa de lhe pagar na mesma moeda e contentando-se em murmurar de vez em quando, mordendo o pó, sem figura de rhetorica.

— Basta! Basta! Então... então... isso não é de cavalheiro!.. Repare que eu estou desarmado!... Estou desarmado.

Os espectadores ao principio gosaram o espectaculo sem intervir na contenda, limitando-se a fazerem os seus commentarios mais ou menos picarescos, todos elles porém favoraveis ao Dominguinhos, ao rapazelho, ao fedelhote, que tão valentemente se atirava ao outro, um homem já feito, ataracado e robusto, e que tão elequente lição lhe ministrava assim desembaraçadamente, em pleno Rocio, deante de toda a gente.

Mas depois as opiniões começaram a divergir.

A sova ia attingindo proporções sérias: o outro levava á chucha calada e nem sequer respondia com a mais pequenina tentativa de socco á chuva torrencial de sopapos e pontapés que o rapasote sobre elle despejava, e então alguns dos espectadores mais humanitarios, mais compassivos, começaram a ter dó do sovado.

Outros protestavam energicamente contra aquelle dó, cobrindo ainda em cima o pobre Quim de dichotes, de apupos, de piadas trocistas.

Chegou um momento porém em que o Quim estava tão immovel, tão parado, apanhando a trepa do Dominguinhos, que aquelles que já eram do seu partido, julgavam que elle tinha alguma cousa séria, recebera alguma contusão grave.

Um ou dois, mesmo, dos mais exaggerados, soltou a suspeita de que o Quim estava morto.

—Está morto coitado! Isto é uma cobardia, bater n'um morto, bater n'um homem que se não pode defender! disseram algumas vozes indignadas.

E tanto foi o bastante para que a opinião publica soffresse de subito uma reviravolta completa e toda a gente se puzesse contra o Dominguinhos.

—Deixe o homem! diziam uns.

—Não vê que elle não se meche! diziam outros,

—Se fosse comigo não fazias tu isso meu petiz, commentavam outros mais vehementes e mais decedidos, olhando arrogantes, provocadores para o filho do Pereira e como que desafiando-o a que se mettesse com elles se era capaz.

Mas o Dominguinhos não via nada, estava com a cabeça perdida, e emquanto a opinião publica não passava de palavras a vias de facto, continuava a soccar o seu successor junto da Alicesinha, muito bem soccado.

Vendo qe a coisa não acabava e qne as suas palavras, as suas opiniões não faziam nada, aquelles mais exaltados, de quem ha pouco fallámos, resolveram intervir mais practicamente na contenda e sahindo do circulo que se tinha formado em volta dos combatentes, agarraram do Dominguinhos para pôr ponto final n'aquella scena de pugilato, que ameaçava ser interm navel.

Mas o Dominguinhos parecia que tinha o demonio no corpo! Nem á mão de Deus padre queria deixar o seu adversario; tomára gosto á tareia e quando os primeiros salvadores do Quim se chegaram ao pé d'elle levaram tambem para o seu tabaco, apanharam por tabella o seu murro, e o seu pontapé, que iam destinados ao Quim mas que se perderam nó caminho.

Por fim atirando-se tres ou quatro dos espectadores ao Dominguinhos, saltando em cima d'elle como um valente grupo de homens de forcado quando se trata de pegar um boi, a contenda cessou.

Então o Quim, vendo o seu adversario agarrado ergueu-se, e sacudindo o pó que lhe branqueava o fato, apanhando o chapeu alto feito n'um bolo disse com voz grave, solemne, cheia de dignidade!

—Eu por mim dou-me por satisfeito.

Esta declaração foi acolhida com um côro unisono de gargalhadas, côro em que até tomaram parte os proprios defensores d'elle, aquelles que por dó tinham feito cessar a sova.

—Ah! não quer mais? perguntou com ares triumphantemente zombeteiros o Dominguinhos.

—Não senhor: dou por concluida a nossa pendencia, tornou o Quim escovando a seda do chapeo com a manga.

E aproveitando a helariedade do publico e o Dominguinhos estar rodeado por aquelles que o tinham detido no meio da sova, tratou de se esgueirar por entre a multidão.

—Ah! já foges covarde! gritou o Dominguinhos ao vel-o afastar-se, e dando dois passos para elle.

—Não fujo, vou-me embora disse o Quim apressando o passo.

E depois como visse que o Dominguinhos tinha parado, perguntou-lhe lá de longe, parando tambem a respeitavel distancia.

— Porque? Quer mais alguma cousa?

— Quero sim senhor, respondeu o Dominguinhos.

— Estou ás suas ordens! disse valente, corajoso o Quim.

— Ah! estás, patife! resmungou o Dominguinhos, escapando-se das mãos que o detinham e avançando em direcção ao Quim.

Mas este apenas viu de longe esse movimento deitou a correr para as bandas do Passeio Publico com toda a velocidade que davam as suas pernas.

O Quim desatou tambem a correr atraz d'elle, e os dois atropellando toda a gente foram por ali fóra, entraram pelo passeio dentro com grande espanto dos guardas, que não conseguiram deitar-lhe as mãos e apenas poderam evitar que invadisse o passeio a multidão enorme que corria atraz dos dois.

No meio do Passeio o Quim, na cegueira da sua carreira desenfreada esbarrou em duas senhoras que desciam muito tranquillamente pela rua do meio.

As duas senhoras soltaram um grito de espanto, e uma d'ellas, a mais velha, surprehendida por aquelle embate foi de cangalhas ao chão.

— Perdão! perdão! resmungou o Quim sem parar, sem olhar sequer para a sua innocente victima e continuando na sua carreira desvairada.

— É o Quim, mamã, é o Quim Barradas! disse muito espantada a senhora que ficára de pé, curvando-se para a que cahira no chão, afim de a ajudar a levantar-se.

— O Quim! Forte bruto! murmurou aquella a quem chamavam mamã, fazendo esforços para se levantar.

Mas quando agarrada a sua filha conseguia finalmente pôr-se em pé um novo empurrão d'outra pessoa, que vinha tambem correndo desenfreadamente e tambem esbarrara n'ellas, atirou-as outra vez ao chão, e agora a ambas.

E a pessoa que corria, e que como já adivinharam por certo era o triumphante Dominguinhos tropeçou nas duas e foi-se tambem a baixo.

Quando chegou ao chão, olhou para as suas duas companheiras, que ao seu lado se revolviam na terra regada da rua do meio do Passeio Publico, reconheceu-as e soltou um grito:

— O que! São vossas excellencias! Aqui!

— Ah! o Dominguinhos! exclamaram ambas reconhecendo tambem o filho do sr. Pereira no cyclone que as derrubara.

A esse tempo o Quim ia já a sahir a porta do Passeio para a Praça da Alegria, mas o guarda portão tomou-lhe o passo e auxiliado pela sentinella da municipal deitava-lhe a mão e levava-o para a casa da guarda para averiguações.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

OS MEUS LIVROS

III

(Continuado do n.º 403)

Occupar-nos-hemos das seguintes publicações recebidas:

— *O Beijo de Fausto*, comedia em 1 acto. Original de Joaquim Miranda;

— *Les Inspiratrices* de Maxime Formont — *Victoria Colonna — Beatrix — Catherine d'Atayde;* edição de Froyes;

— *Introducção ao estudo das artes ceramicas.* Por Severiano Augusto da Fonseca Monteiro.

— *Edgar Poë* serie de contos d'este celebre escriptor americano, traduzidos pela ex.ma sr.a D. Mencia Mousinho de Albuquerque.

— *Don Rafael Maria de Labra.* Estudio biográfico por Antonio Sendras y Burin; pertencente á collecção *Propagandistas e Politicos contemporaneos.*

* * *

O Beijo de Fausto é uma comedia representada pela primeira vez no theatro normal na noite de 10 de março do anno de 1889.

O entrecho é simples.

Lucinda casada recentemente com *Rodrigo* tem um irmão muito extravagante, *Raul*, que partira para longe havia dois annos a penitenciar-se das passadas extravagancias. *Raul* tem por companheiro das rapaziadas *Oscar* um antigo amigo de *Rodrigo.*

A scena representa uma casa com jardim.

Conta *Lucinda* n'um *tête-à-tête* com *Rodrigo* em noite de luar, que fôra ali, n'aquelle mesmo sitio, que uma sua amiga a quem devia a posse d'aquella propriedade, se despedira *de quem nunca mais* tornara a ver... Esta amiga, na hora da morte, quando se despedira de *Lucinda*, dissera sorrindo:

« ... *o beijo de Fausto... Adeus.*

Fôra ali tambem que *Lucinda* dera o primeiro beijo em *Rodrigo.*

Os dois extravagantes *Raul* e *Oscar* n'uma noite de Bohemia vão parar á quinta de *Rodrigo.* É n'essa mesma noite que *Lucinda* lhe revella a lenda do beijo de Fausto.

Tanto *Raul* como *Oscar* estão um pouco *gris.* Assistem ao colloquio amoroso dos dois esposos. E *Raul* que não está em estado de conhecer a irmã nem o cunhado, quer terminar a sua vida de rapaz com a conquista da gentil castellã.

A este tempo, os dois esturdios, teem feito taes estrepolias que o alarme está dado, e *Rodrigo*, receiando mais um rival do que um ladrão, usa de todos os meios para que este lhe não escape. Vae buscar gente e arma-se para uma busca, batendo rigorosamente toda a quinta. Quando volta encontra *Lucinda* com *Raul* beijando-se fraternalmente.

— O beijo de Fausto!... era um amante, exclama *Rodrigo.*

Lucinda apresenta-lhe seu irmão *Raul.* E *Rodrigo* abraça-o reconhecendo em Oscar um rapaz do tempo das suas extravagancias.

Como vêem... é uma bola de sabão, sopra-se e nada fica, senão o talento do auctor. Porque Joaquim Miranda revella em todo o desenvolver das scenas d'esta comedia um espirito delicadissimo, só adquirido sob uma educação cuidadissima e no convivio da sociedade de *élite.*

Joaquim Miranda já demonstrara ser um escriptor theatral, dos da craveira de Lopes de Mendonça, no bello drama em 4 actos, representado no theatro do Principe Real, *A culpa dos Paes.*

Porém no *Beijo de Fausto* evidenceia-se o estylista que nos prende pela forma, pela elegancia e pela distincção em que fallam os seus personagens.

Agradecemos ao illustre dramaturgo a delicadeza da sua offerta, e desejamos-lhe, do coração um successo não inferior á *Culpa dos Paes* e *Beijo de Fausto*, para o seu futuro trabalho *O N'Guvo*, actualmente em prova no theatro de D. Maria II.

* * *

Les Inspiratrices é um livro de 115 paginas publicado em Troyes e editado, em 1889, por L. Lacroix editor-livreiro.

O auctor, Maximo Formont, é muito lido em assumptos da historia portugueza. *As inspiradoras* a que Formont se refere são as formosas mulheres que se apaixonaram pelo Dante, por Miguel Angelo e pelo nosso grande Luiz de Camões.

A terceira parte do livro, referida aos amores de Catharina de Athayde e Luiz de Camões, é extremamente interessante para nós portuguezes; por isso que é sempre agradavel aos nacionaes verem o estrangeiro referir-se, com elogiosa admiração, aos grandes vultos de Portugal.

O estylo de Maxime Formont é suave, e por vezes iriado de brilhante encanto, quando descreve a honesta intimidade dos amores da formosa dama da côrte do severo D. João III.

A paginas 106, diz Formont:

«Assim, D. Catharina, que foi a inspiradora de «Camões, a sua *Beatriz* e a sua *Laura*, foi tambem «como Genèvre para Lancelot, como todas as «amorosas lendarias dos paladinos, a que lhe deu «o impulso que o levou aos nobres feitos d'armas, «e que sem o querer, o lançou n'essas aventuras «que fizerem da sua vida nas Indias uma epopeia. «Esta epopeia tão gloriosa, temperada no sangue e nas lagrimas, «não podemos contal-a aqui, por»que não devemos esquecer que «nos constituimos o historiador de «uma outra existencia menos bri«lhante e menos agitada pelo es«tridor das luctas exteriores, e que, «pela propria uniformidade offerece «maior presa a essa dôr monotona «de lentidão e silencio, mas que es«phacela e mata.»

O livro termina com uma carta notabilissima de Camões á sua Catharina d'Athayde, a sua querida Nathercia em que o poeta descreve o clima, a terra e a vida da India n'aquelle tempo, illuminando esta descripção com lampejos geniaes que lhe prestava o amor, a saudade e a nostalgia da Patria amada.

Só esta carta, que nos dá Luiz de Camões como um prosador que se avantaja a Frei Luiz de Souza e a D. Francisco Manoel de Mello, valeria a Maxime Formont uma verdadeira ovação nas lettras portuguezas se o livro fosse mais conhecido no nosso meio litterario. A traducção franceza, é de tal modo habil e certeira, que revella bem o estylo da epocha e as requintadas elegancias do idioma portuguez.

Formont firma, este trabalho principalmente, nas obras do erudito visconde de Juromenha, e de um notavel manuscripto do conde Adolpho de Circourt, intitulado *Etude manuscrite sur la vie et les ouvrages de Camoens*, communicado ao proprio Maxime Formont pelo conde Alberto de Circourt; e de uma biographia, *Catherine d'Atayde*, tirada da Bibliotheca universal de Genebra, julho de 1853.

É tambem admiravelmente descripta a corte de D. João III, *o inquisidor* (como o denominou a Historia), designadamente a parte dos solaus onde Camões tanto brilhou.

*
* *

Do nosso amigo, o distincto engenheiro Severiano Augusto da Fonseca Monteiro, recebemos uma elegante dissertação sobre o estudo das artes ceramicas, tratando particularmente da constituição das argillas e suas propriedades technicas.

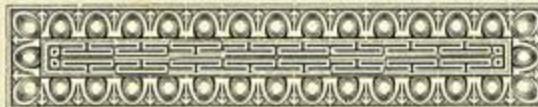
E um bello trabalho que occupa umas cem paginas, distribuido por quatro capitulos: *Da argilla — Propriedades technicas das argillas — Analyse das argillas — Modificação das argillas e composição das pastas.*

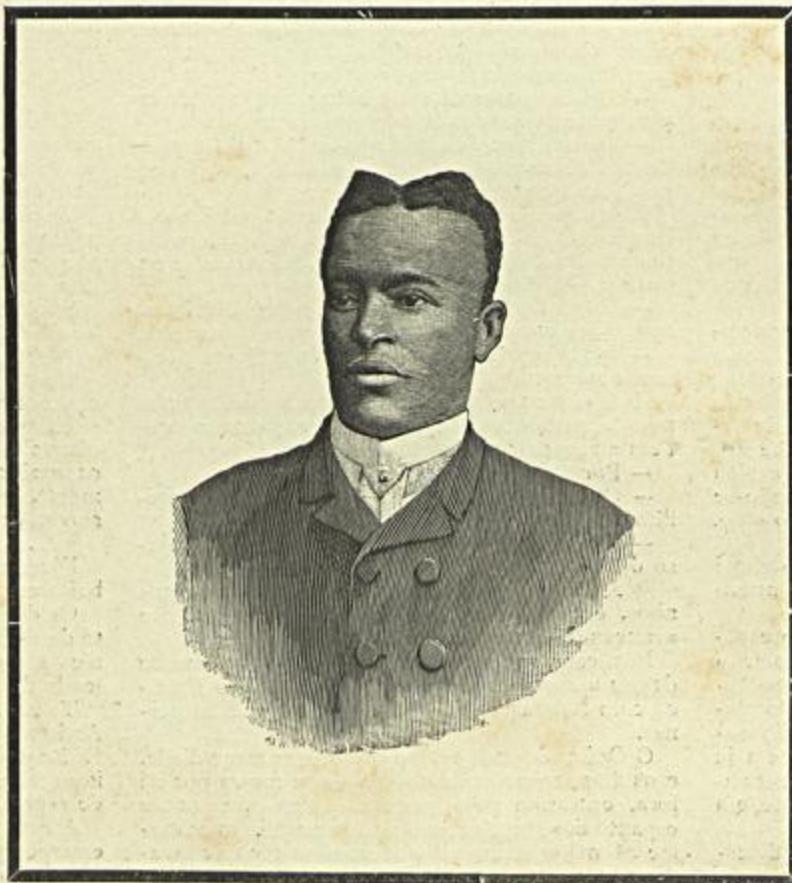
Esta dissertação de Severiano Monteiro tem sido muito apreciada pelos homens da sciencia moderna e valeu-lhe ha pouco alcançar, assim, de um modo distincto, o logar de lente de algumas cadeiras do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa.

Felicitando o nosso amigo e antigo condiscipulo, felicitamos tambem o magisterio nacional por ter um camarada do talento e altas qualidades moraes do engenheiro civil Severiano Augusto da Fonseca Monteiro.

*
* *

Como este artigo já vae longo trataremos em outro do estudo biographico do sr. D. Antonio Sendras y Burin e das traducções de *Edgar Poë* da distincta escriptora D. Mencia Mousinho de Albuquerque tão conhecida no nosso mundo litterario sob o pseudonymo de *Zuleicka.*

Manoel Barradas.

REVISTA POLITICA

Principiaram pouco favoraveis ao governo os primeiros actos da actual epoca legislativa, levantando-se logo na camara alta uma questão de direito constitucional, que tem entretido os curiosos e feito desenterrar do pó dos annos os diarios das camaras, para se acharem precedentes, que são sempre o grande recurso para solução dos casos difficeis.

Segundo a opinião apresentada por alguns dignos pares, e sustentada pelo sr. Thomaz Ribeiro, não poderá ser dada a posse aos novos pares eleitos, sem que a camara approve o *bill de indemnidade* ao governo pelos seus actos dictatoriaes.

Ora um dos decretos dictatoriaes modificou a lei que regulava a eleição dos pares, e portanto os pares eleitos não poderão tomar posse do seu mandato, emquanto não fôr approvada pela camara a lei dictatorial de que os mesmos são filhos.

É isto o que a opposição sustenta e com que está entretendo as sessões sem se ter ainda resolvido este ponto.

O governo sustenta que os decretos dictatoriaes tem toda a força de lei emquanto não forem revogados pelo poder legislativo, e para isto traz os taes precedentes, em que os nossos mais abalisados politicos sustentáram esta doutrina e assim procederam.

Ora effectivamente o contrario d'isto era um becco sem sahida, porque sendo os novos pares eleitos os que devem dar a maioria ao governo na camara alta, faltando essa maioria ao governo para lhe approvar os seus decretos dictatoriaes, não poderiam os mesmos pares entrarem no uso das suas funcções.

Comprehende-se facilmente o facciosismo que inspira esta questão previa, que o bom senso terá fatalmente que vencer, mas que entretanto demora e difficulta os actos do parlamento, com grave prejuizo para as leis e medidas governativas de interesse para o paiz, que convem descutir.

Na camara dos deputados ainda não occorreu nada de importante, por emquanto só se tem tratado da verificação de poderes, o que parece ter-se feito com certa morosidade, o que faz prever que as grandes discussões só virão com as cerejas, o que não deixa de ter analogia porque lá se diz, que «as palavras são como as cerejas, vem umas atraz das outras.

Para supprir a falta de interesse que a camara por ora offerece, outra questão apparece ou melhor reapparece mais uma vez, com um cortejo de falsidades e difamações proprias a produzirem sensação.

E' o encannecido emprestimo de D. Miguel.

O governo fez um emprestimo de nove mil contos em Paris que foi tomado firme pelos contratadores, e logo que isto constou, principiou uma guerra de morte ao credito portuguêz promovida pelos possuidores dos titulos do tal celebre emprestimo de D. Miguel.

D'esta vez não se limitaram a descomporem-nos como o tem feito de mais vezes, seguiram outro caminho que se lhes affigurou mais viavel. Inventaram conspirações em Portugal. Que o nosso paiz estava sobre um vulcão revolucionario. Lisboa tinha já proclamado a republica e que por todo o paiz se alastrava a revolução.

Estas noticias eram dadas pelos jornaes francezes o *XIX Siecle, Le Petit Journal* e outros, com grandes visos de verdade, pois publicavam telegrammas enviados de Lisboa com estas galgas que deixam a perder de vista o *Almocreve das Petas.*

Mas não parou aqui a phantasia novelista dos suppostos credores. Acharam pouco revolucionarem os homens e quizeram revolucionar tambem a natureza. Inventaram um temporal no Tejo como outro não houve, em que morreram portuguezes sem numero, e em que foram destruidos todos os navios que se achavam no nosso porto.

E para que fossem bem conhecidas dos portuguezes estas extraordinarias patranhas, enviaram para Portugal grande numero de exemplares dos jornaes que as publicaram, receiando talvez que nós ignorassemos o que por cá ia.

Apesar d'esta propaganda de descredito, os fundos portuguezes, que ao principio se resentiram nas praças estrangeiras, voltaram pouco depois ás suas anteriores cotações, o emprestimo, porém, sempre soffreu com o retrahimento da subscripção, o que não impediu aos contratadores o sustentarem firme.

Jogo de bolsa e nada mais.

João Verdades.

COSTA ALEGRE — Fallecido em 18 de abril de 1890

(Segundo uma photographia de Serra)

RESENHA NOTICIOSA

Um brinde artistico. — O sr. José Pardal, collaborador artistico do Occidente, teve a amabilidade de nos mostrar uma aguarella e um desenho á penna, representando a chegada ao Tejo do paquete Loanda conduzindo Serpa Pinto e Victor Cordon. São duas bellas composições feitas com elegancia e com a correcção de um verdadeiro especialista de marinhas.

O sr. Pardal vae offerecer a aguarella a que vimos de nos referir ao illustre africanista Serpa Pinto, e o desenho á penna a Victor Cordon, seu digno companheiro.

É um brinde artistico do mais singular apreço para os benemeritos africanistas.

Typ. e lyth. de Adolpho, Modesto & C.ª
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43